

O PODER E O SABER NO RITUAL DA FOLIA DE REIS: UMA LEITURA EM FOUCAULT

Magno Florentino Dutra ¹

Elisabeth Maria de Fátima Borges²

RESUMO. O objetivo deste artigo é discutir as relações que o poder e o saber lançam sobre a cultura popular. Para entender os conceitos de poder e de saber, bem como de suas relações nos pautamos nas leituras de Foucault. Discutiremos as relações de saber que determinam as relações de poder no cotidiano da folia, analisando a figura do embaixador como central neste processo ritual, no qual ele é envolvido. Nessa dinâmica das relações de poder e saber, tomamos a música da folia como veículo para circulação desses elementos e também para a reprodução do ritual da folia. Distinguiremos as maneiras de cantar das folias da região, definindo qual é a maneira de cantar da Folia Mineira do município de Itaguari-GO. A metodologia utilizada foi a história oral e pesquisas bibliográficas, discutindo a folia como um ritual do catolicismo camponês, um legado do passado colonial brasileiro.

Palavras-chave: Folia de Reis. Saber. Poder. Religiosidade.

ABSTRACT. The purpose of this article is to discuss the relationships that power and knowledge throw on popular culture. To understand the concepts of power and knowledge, as well as their relations, we are guided by the readings of Foucault. We will discuss the relations of knowing that determine the relations of power in the daily life of the folia, analyzing the figure of the ambassador as central in this ritual process, in which he is involved. In this dynamic of relations of power and knowledge, we take foliage music as a vehicle for the circulation of these elements and also for the reproduction of foliage ritual. We will distinguish the ways of singing of the folias of the region, defining what is the singing way of Folia Mineira of the municipality of Itaguari-GO. The methodology used was oral history and bibliographic research, discussing folia as a ritual of peasant Catholicism, a legacy of the Brazilian colonial past.

Keywords: Folia de Reis. To know. Power. Religiosity

¹ Graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás – UEG. Professor no Ensino Médio da Secretaria Estadual de Educação de Goiás. Email: magnoitaguari@gmail.com

² Mestra em História pela UFG. Graduada em História pela UFG. Diretora Pedagógica da Escola Nova Visão. Professora da Faculdade de Inhumas - Facmais. Email: bethbraga1@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Partindo da história cultural, dialogando com outras ciências sociais, seguindo os caminhos abertos pela Nova História Cultural tendo como objeto o estudo da folia de Reis da cidade de Itaguari-GO, conhecida como Folia Mineira, manifestação genuína da cultura desse povo, cuja, manifestações do catolicismo camponês merece nossa atenção por seus aspectos particulares. Nela podemos observar traços da religiosidade popular tão marcante no povo da região e a forte crença nos Santos Reis.

Para entender o ritual da folia como um todo esboçou-se parte a parte do ritual submetendo-o aos clivos de teorias antropológicas, ressaltando assim suas características peculiares, observando mais de perto a cultura, a religiosidade e as relações sociais que aí se produzem. Os referenciais teóricos que nos deram pistas da religiosidade e cultura popular, especialmente das festas de folias de Reis, foram as leituras de PESSOA (2007); MOREIRA (1983) e BRANDÃO (2004). É importante salientar que o recorte cronológico tomado aqui foi de 1957; ano de início das festas; até o ano de 2009.

Investigando as tradições populares, as religiosidades, as festas revestidas de vários significados, a história cultural abre os olhos às manifestações populares, outrora esquecidas da história tradicional. Dentro desse ritual nossa principal indagação foi de entendermos e/ou descobrirmos como se dá a relação de poder dentro da folia; analisar as relações entre o saber e o poder dos embaixadores; avaliar a eficácia do canto como elemento (veículo) de/para a comunicação entre os foliões e os devotos; avaliar a importância dessa tradição para a sociedade itaguarina. Logo o nosso objetivo central foi analisar as relações de saber e poder, na folia Mineira.

Para entender os conceitos de poder e de saber, bem como de suas relações nos pautamos nas leituras de Foucault. Não tornando absoluta a posse do poder ao embaixador, admitem-se situações em que o poder circula, se movimenta entre outros indivíduos envolvidos no ritual, e determina outras situações, que exigem sabedoria do condutor da folia e atitudes de outros. Os versos são elementos fundamentais nas folias é por meio dele que são executados os principais momentos desse ritual. A música, ou mais simplesmente a cantoria das folias podem variar quanto a seu sistema de cantar, procuramos fazer uma pequena diferenciação entre aqueles que existem em Itaguari.

A memória tem se tornado nos últimos anos um campo muito fértil para pesquisas. Essa investida deveu-se ao movimento da Escola dos *Annales* que ao fazer contato com outras ciências, passou a considerar novos objetos para a história. O contato com a psicologia social, com a filosofia abriu caminho para a pesquisa, tendo como fonte a memória. O método utilizado para tal empreendimento é um campo inaugurado pela História Nova, a história oral realizada através de entrevistas. A principal metodologia utilizada nesta pesquisa sobre a folia Mineira de Itaguari, foi a história oral, tendo como orientação as teorias de Lucilia Delgado. Para esta autora, “a história oral é uma metodologia primorosa voltada à produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2006, p. 15). E falando sobre a relação existente entre fonte oral, história e memória, Delgado (2006, p. 47) afirma: “Portanto, memória e História, presentes na produção de fontes orais, são também processos cognitivos”. É por meio das entrevistas que se compõem as narrativas, as fontes orais.

Acreditamos que a análise da história da folia de Reis, contribuirá muito para o conhecimento da história cultural e religiosa do Estado de Goiás, despertando um sentimento de regionalidade e reconhecendo a riqueza cultural aqui existente. Este trabalho permitiu-nos perceber esta expressão da cultura popular e religiosidade dos devotos dos Três Reis de Itaguari-Go.

1. CULTURA E PODER

As folias de Reis, assim como a folia Mineira de Itaguari, em especial, abordada neste trabalho, sempre chamaram à atenção. Objetivamos descrever os aspectos gerais da folia Mineira, contando sua história e comparando-a com as demais folias da região. Além disso, apresenta um recuo histórico à Europa medieval, onde nasceram muitas das manifestações religiosas e manifestações populares vindas ao Brasil colonial, quando os portugueses aqui aportaram e legaram suas tradições. Dentre elas estão as folias.

O aspecto religioso e folclórico da folia, misturando elementos sagrados aos profanos, dá uma nuance de mistério sobre seu fundamento e surgimento. O aspecto religioso parece ser determinante nessa manifestação. Quando perguntado sobre o que é



folia, o folião Sebastião de Oliveira Castro, apelidado pelos conhecidos de Tião Raimundo, resume em poucas palavras: “Uai, a folia, eu creio que a folia é um evento religioso, né” (informação verbal) ³. O elemento religioso das folias também é encontrado em definições de pesquisadores como Yara Moreyra, que enfatiza: "A folia de Reis consiste, basicamente, em um grupo de pessoas (homens, cantores e instrumentistas) que realiza uma peregrinação religiosa por ocasião da festa de Reis." (MOREYRA, 1983, p.144).

Em Carlos Rodrigues Brandão, há uma definição e descritiva, mais detalhada para folias:

A folia de Reis é um grupo precatório de cantores instrumentistas, seguidos de acompanhantes e viajores rituais, entre casas de moradores rurais, durante um período anual de festejos dos três Reis Santos, entre 31 de dezembro e 06 de janeiro (BRANDÃO, 2004, p.347).

A incidência das folias de Reis no Brasil é muito grande, sendo herança do passado colonial que enraizou no povo simples do interior do país, registram-se folias nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Bahia, Rio de Janeiro, Paraná, Espírito Santo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia e Tocantins, como já fomos informados por outrem. Nos últimos anos, as folias têm tido muito incentivo, aumentam a cada ano os encontros de folia. Sabe-se de encontros em Aparecida do Norte (SP) e em outros lugares do Brasil. Em Goiás o principal encontro é o de Goiânia, na Matriz de Campinas. Sobre os encontros de folias de Goiânia, Jadir Pessoa elucida o seguinte: “O encontro se configura, então, como uma grande celebração, na qual os foliões de cada terno têm a oportunidade de conhecer como se configuram todos ou outros.” (PESSOA, 2007, p.231). Ele ainda lembra que nestes encontros não existe qualquer tipo de competição, não é a meta do encontro, fazer classificação de folias mediante algum quesito (PESSOA, 2007, p.230).

As festas populares se caracterizam por sua fartura, alegria e, muito mais, pela sua informalidade entre os participantes. Em quase todas há momentos de extravagância e quebra da ordem social estabelecida, reservando esses dias para o puro divertimento e lazer. Para um observador menos cuidadoso, as festas serão sempre



³ Sebastião de Oliveira Castro, 68 anos, funcionário público. Entrevista a Magno Florentino Dutra, em 23 de julho de 2009, Itaguari-Go.

momentos de folga, nos quais não existe nenhuma ordem de dominação ou poder. Porém, seria ponderável notar algumas nuances de poder e dominação que se manifestam nessas festas. Por exemplo, nas festas de aniversários de crianças, o aniversariante detém um poder que não lhe é conferido nos demais dias do ano. Naquele dia lhe são permitidas travessuras que nos outros dias seriam reprimidas. Tudo acontece para satisfazer seus desejos. Imaginemos as festas dos adultos que escolhem motivos significativos para realizá-las.

Não podemos conceber as festas como puras, ingênuas e totalmente livres das artimanhas do poder, que produz relações de dominação entre os indivíduos. Almeida (2008), em suas análises sobre festas, diz o seguinte:

Na verdade, não há como negar que festa e poder são fenômenos que se atraem – relação cimentada por uma necessidade de ritualização que de um jeito ou de outro, acompanha o homem em sociedade. O poder, qualquer que seja sua instância, não só tem instituído festas como se apropria das existentes (ALMEIDA, 2008, p.32).

As relações de poder perpassam nossas vidas sem que percebamos sua existência. O poder está presente na sociedade, nas formas dos discursos, como o disse Foucault (2007). Aqui pretendemos fazer uma discussão sobre as relações de poder existentes na folia Mineira. Assim como já descreveram outros autores, o poder nas folias é exercido em sua maior parte pelo embaixador, porém, pode se deslocar para a figura do palhaço e a do dono da casa onde a folia está passando. Como Foucault (1999) afirma, o poder não é criado; é, antes de tudo, exercido, o embaixador o exerce por motivos variados, pela própria funcionalidade do seu cargo na folia, ou pelo seu carisma.

Assim, a cultura, nessa perspectiva, também se torna espaço para coexistência de micropoderes. Há na cultura, uma dimensão de dominação e subordinação. Para José Santos, a cultura traz no seu devir conflitos internos no seu processo de transformação: “[...], a cultura é um processo da história coletiva por cuja transformação e por cujos benefícios as forças sociais se defrontam” (SANTOS, 2007, p.80). Percebemos na fala desse autor que ele considera a cultura como um processo em transformação, em cujos processos emergem conflitos. A cultura, na sua visão, não é uma simples dimensão da vida da sociedade, pura e harmoniosa, mas revela um campo de articulações de poderes.

As análises sobre as formas de poder entraram na academia com as obras de Foucault. Este autor manteve-se à margem dos paradigmas de sua época: o marxismo e o paradigma dos *annaliste* (O'BRIEN, 2001, p.33). Suas obras fazem análises do poder como princípio organizador da sociedade (O'BRIEN, 2001, p.46). Para Foucault, as sociedades são permeadas em toda sua extensão por relações de poder, e não existe um centro emissor desse poder, como define O'Brien: "O poder não é característico de uma classe (a burguesia) ou de uma elite dominante, nem pode ser atribuído a uma delas. Para Foucault, o poder é atribuível a uma função" (2001, p.46).

Depois de afirmarmos que a cultura é ambiente da reprodução do poder, e buscarmos uma confirmação para usar a teoria foucaultiana, analisaremos as relações de poder dentro da folia de Reis. Lançamos mão da teoria foucaultiana, exposta anteriormente por Patrícia O'Brien, para explicar a relação de poder no interior da reprodução do ritual da folia, e que localizamos na figura do embaixador. Nesta fase, estaríamos submetendo uma manifestação cultural à teoria social de Foucault, que é totalmente aceitável segundo Lynn Hunt. Esta autora é organizadora de uma obra que apresenta novos modelos e métodos para a escrita da história cultural na atualidade. Referindo-se ao capítulo escrito por Patrícia O'Brien, Hunt afirma: "A ensaísta argumenta convincentemente que Foucault estudou a cultura pelo prisma das tecnologias de poder, que ele situou estrategicamente no discurso" (HUNT, 2001, p.12).

Os estudos de Foucault concentraram suas análises nas tecnologias do poder e nos discursos de verdade que eles produzem. Para Vilas Boas, a produção de Michel Foucault pode ser dividida em dois momentos: o da arqueologia e o da genealogia (2002, p.10). Em seus livros clássicos como "A história da loucura na idade clássica", "O nascimento da clínica", situados no momento da arqueologia "[...] ele procura estabelecer a que nível se articula o discurso da verdade..." (VILAS BOAS, 2002, p.12). No momento da genealogia, sua análise é mais profunda. Nessa fase encontra-se "A ordem do discurso", "Vigiar e punir". "Sua preocupação fundamental é, doravante, com a articulação entre saber, poder e verdade" (VILAS BOAS, 2002, p.12).

A obra de Foucault é muito complexa, e nossa intenção não é fazer uma discussão sobre ela. Queremos apropriar de sua teoria do poder e do discurso que nos servirão de base para nossa análise. Na obra de Foucault, os discursos têm lugar de destaque. Segundo ele, o discurso "É um lugar determinado e vazio que pode ser ocupado por indivíduos diferentes" (FOUCAULT, 2007, p.107). Os discursos, na teoria foucaultiana, são como "lugares de fala" de onde um indivíduo toma posição para falar

sobre determinado assunto. Sua teoria liga as práticas discursivas aos saberes. O saber é outro conceito importante na obra desse autor. Segundo ele “[...] toda prática discursiva pode definir-se pelo saber que ela forma” (FOUCAULT, 2007, p. 205). Essa relação é intrínseca e recíproca, pois ao mesmo tempo em que o discurso forma uma espécie de saber, o saber também produz discursos. Esses discursos de que se trata podem ser de muitas ordens, desde os científicos até os supersticiosos, porque a teoria localiza os discursos em toda esfera da sociedade, permeando todas as relações humanas, por isso, ele afirma: “A prática discursiva não coincide com a elaboração científica a que pode dar lugar; o saber que ela forma não é nem o esboço enrugado, nem o subproduto cotidiano de uma ciência constituída” (FOUCAULT, 2007, p.206).

Diante dessa afirmação que amplia as áreas de reprodução dos discursos, tomamos a liberdade de considerar e localizar, na folia de Reis, práticas discursivas em formas de versos cantados na execução do ritual da folia, e também em outras circunstâncias em que os sujeitos tomam posição para falar sobre uma situação. Levamos essa teoria à esfera da cultura, lugar dos saberes populares acumulados mediante as observações e intuições; das superstições e religiosidades.

Importa salientar a ligação dos discursos aos saberes, principalmente para fazer essa consideração das práticas discursivas dentro do ritual da folia. Nesse âmbito torna-se impossível dissociar os discursos dos saberes. Os saberes em Foucault são descritos assim: “Um saber é aquilo de que podemos falar em uma prática discursiva que se encontra assim especificada; o domínio constituído pelos diferentes objetos que irão adquirir ou não status científico” (FOUCAULT, 2007, p.204)

Sabendo da diversidade dos objetos que podem, ou não, ser considerados como científicos, o saber ritual e religioso do embaixador é sim, um discurso de saber. Embasando nossa análise, buscamos no texto de Foucault, e confirmamos o que dissemos com a citação “Há saberes que são independentes das ciências [...]” (FOUCAULT, 2007, p.205)

2. O SABER NA FOLIA DE REIS

As folias de Reis, sendo uma manifestação da religiosidade popular, assentam sua prática em uma forma de saber, o saber religioso, ou dogma, sobre a

história do nascimento de Jesus Cristo. Tomamos então a folia como um campo de onde emergem saberes que vão determinar as relações de poder no ritual.

Nas folias de Reis, a figura que mais expressivamente transmite essas relações de saber e poder é o embaixador. Essa figura é de extrema importância para a sobrevivência do ritual da folia. Sem ela a folia perderia sua identidade. Em todas as obras pesquisadas há um tratamento especial ao embaixador. Ele ocupa lugar central na execução da música das folias, como enfatiza Brandão (2004, p.349): “Ele canta sozinho e em primeiro lugar os versos que os outros foliões responderão com o complemento da estrofe.” Essa função exige muita perícia para seu exercício. O embaixador da folia Mineira, Tiãozinho Camilo, em entrevista, afirma sobre sua função: “O embaixador é o da frente... ele puxa música” (informação)⁴. Em Moreyra encontramos uma definição mais descritiva: “Ele tira a Folia, tem que saber cantar de cor e deve ser um tipo de repentista” (MOREYRA, 1983, p.150). Isto também fica confirmado na fala do folião Jacob:

O embaixador é o seguinte, ele...ele... ele canta dento do repente e do recurso quele tem, se ele num tivé repente, e se ele num tivé recurso, pra fazê o verso no prazo que a resposta tá cantano, porque quilo ali num é, cumo se diz, num é gravado, quilo é dependendo do que ocê vê que ocê faz o verso” (informação verbal)⁵.

Portanto, o embaixador tem que ser bom repentista, capaz de improvisar versos rimando, porque como podemos interpretar no depoimento acima, as situações encontradas pela folia podem ser diversas. São elas que determinarão o que se cantará naquela ocasião, como ficou muito claro na fala do folião entrevistado. É de acordo com aquilo que o embaixador vê que ele fará o verso; esse verso tem que ser composto enquanto a “resposta” canta, como o mesmo folião relata: “Condo ela tá fazeno a resposta, o embaixador tá pensano o que quele vai cantá de novo, pa trová e rimá cum aquilo quele feiz primeiro” (informação verbal)⁶.

O embaixador é um tipo de poeta popular, que não detêm conhecimentos sobre teoria musical. Como os demais foliões, ele “toca de ouvido” como eles mesmos dizem. Para a autora o embaixador “[...] atua como regente do grupo. Ele tem que ser

⁴ Sebastião dos Reis Camilo.

⁵ Jacob Vicente Dias.

⁶ Idem.

bom de ouvido [...]” (MOREYRA, 1983, p.183). E embora os foliões não detendo tais conhecimentos musicais a melodia produzidas por eles é muito agradável.

Na folia, além do conhecimento musical, o que vai determinar decisivamente a função do embaixador é o seu saber sobre o ritual. “Ele tem que saber todos os fundamentos” (MOREYRA, 1983, p.150) Os fundamentos a que Yara Moreyra se refere são os conhecimentos religiosos, das regras e das tradições que o embaixador precisa saber. Segundo Pessoa (2005, p.84), “Normalmente é o embaixador, ou mestre, ou ainda o capitão de uma folia, que é o portador axial do ritual”.

O embaixador de folia como objeto numa pesquisa histórica é um desafio, há que se realizar um esforço para conceituá-lo e defini-lo. As aproximações com outras ciências, no sentido de ampliar o horizonte de conceitos, no campo da historia foram e são fundamentais.

O termo “saber” foi uma constante quando referido ao embaixador nas entrevistas que utilizamos neste trabalho. Em todas elas, os entrevistados reforçam que há uma relação da função do embaixador com os saberes necessários à reprodução do ritual da folia, como se constata na entrevista com Jacob: “Ele tem que sabê muito, né?, quando ele chega é dependeno da circunstância quele encontra é que ele vai cumeçá cantá” (informação verbal)⁷. Tiãozinho Camilo, embaixador na folia Mineira, compartilha da mesma idéia de seu companheiro citado anteriormente. Na sua fala fica bem clara a responsabilidade do embaixador na folia: “Embaixador tem que tê repertório, num é só ele falá “eu vô cantá fulia”, é muito fácil chegá, cantá fulia no giro é facim, qualqué um pode fazê, agora testa o embaixador é o quele encontra” (informação verbal)⁸.

O entrevistado relata uma situação em que se exige do embaixador um esforço intuitivo, atributo fundamental dessa função, porque determinadas situações requerem do embaixador a inteligência de decifrar gestos e símbolos, como nos relata:

Muitas veis acontece, já aconteceu comigo, a pessoa chegá, a gente chegá na casa duma pessoa, a pessoa põe a oferta no chão, e põe o cabo da bandeira em cima, então o embaixador, já encontrei embaixador que num; cantou até daná, num deu conta de saí, aquilo significa o seguinte: pessoas que era

⁷ Jacob Vicente Dias

⁸ Sebastião dos Reis Camilo

muito devota de Santo Reis morreu, e aquela pessoa que ficô, que dá oferta prá essa pessoa falecida (informação verbal)⁹

Os conhecimentos bíblicos são de extrema importância ao embaixador. Se ele não os conhecer, não terá condições plenas de exercer sua função na reprodução do ritual. O folião entrevistado afirma: “Ele tem que cunhecê da Bíblia também. Se ele num cunhecê também, ele num tem como fazê nada” (informação verbal)¹⁰. “Ele deve saber o relato bíblico das origens, transformando-o em versos ou em explicações práticas do andamento da folia” (PESSOA, 2007 p.208). O relato bíblico a que se refere este autor é a história bíblica do nascimento de Jesus Cristo, que fundamenta o sentido religioso de existir das folias. A partir dessa premissa, Vigilato atribui uma característica moral ao embaixador. Segundo ele, o embaixador “Tem que ser percebido como de muita fé, bastante religioso e devoto dos Três Reis “Santos””. (VIGILATO, 2000, p.117).

Ao lado dessa afirmação de uma pessoa religiosa, o embaixador muitas vezes se torna também um conselheiro, alguém que leva uma palavra de conforto ao devoto. Segundo depoimento de Tiãozinho Camilo, é comum, na folia, as pessoas se emocionarem ao ouvirem a cantoria. Elas podem ter várias razões, ele diz “igual acontece, as veiz chora demais, o povo, cê tem que cantá consolano” (informação verbal)¹¹. Essa fala atesta mais uma vez a idéia de que o embaixador é alguém que detém uma forma de saber que lhe é própria. Podemos comprovar o que disse esse folião com um verso cantado por Tião Raimundo, quando embaixando na casa de um devoto, deparou-se com uma triste situação em que um pai havia perdido um filho. No momento que a folia cantava, ele se emocionou muito e chorou. Tião Raimundo assim cantou:

Esse suspiro profundo
Eu sei do seu sentimento
É saudade do alguém
Do jardim do sacramento

Quem já morô nesta casa
Mas por Deus ele foi chamado
Pois está no descanso eterno
Lá bem, no reino sagrado

⁹ Sebastião dos Reis Camilo

¹⁰ Jacob Vicente Dias

¹¹ Sebastião dos Reis Camilo

Mas isso'são coisas da vida
E o mundo é mesmo assim
Quem aqui teve um principio
Um dia terá que ter fim

Alevantá essa cabeça
E pode alevantá do chão
Qui foi marcado por Deus
E nós não temo solução

Alevanta meu amigo
Os Três Reis mandô falá
Que tudo que Deus faz é bão
E nós precisa conformá¹²

A cordialidade também faz parte do saber em qualquer cultura. Sendo assim, o bom embaixador saberá o momento de fazer algum agradecimento mais especial ou elogio:

Oi que arco tão bonito
Abençoada as mãos que feiz
Uma espera tão bonita
Pra arrecebê o Santo Reis

Oi que arco tão bonito
Na presença deste véu
Parece a sagrada porta
Que Jesus entrô no céu¹³

3. O CARISMA

Na análise sobre a centralidade da figura do embaixador na folia, devemos aliar ao seu saber religioso a sua capacidade de inventar versos repentinamente, com uma característica que as pessoas podem ter: o carisma. Os embaixadores geralmente são pessoas carismáticas. Pessoa diz o seguinte a esse respeito: “é comum ao embaixador recorrer também a uma autoridade mais propriamente “carismática”, completando a polaridade weberiana.” (PESSOA, 1993, p.121). As pessoas carismáticas são dotadas de capacidade de conquistar a admiração das outras pessoas. Em nossa sociedade elas conseguem influenciar aqueles que lhes rodeiam, conseguindo mesmo

¹² Versos cantados pelo embaixador Sebastião de Oliveira Castro. Extraído de fita K7, arquivo de Jonas do Couto.

¹³ Versos cantados por Sebastião de Oliveira Castro. Arquivo particular do autor, formato mp3.

induzi-los a determinados fins. A isso se conceitua como “dominação carismática”, como analisou o sociólogo Max Weber. Não faremos aqui uma discussão mais profunda da teoria de Weber, somente tomamos alguns de seus conceitos centrais, aqueles que se referem a esse tipo de dominação, pois foi reconhecida sua aplicabilidade e contribuição a esta pesquisa. Segundo o sociólogo, a “dominação carismática” se dá quando “Há autoridade do dom da graça (carisma) extraordinário e pessoal, a dedicação absolutamente pessoal e a confiança pessoal na revelação, heroísmo ou outras qualidades da liderança individual” (WEBER, s/d, p.99 apud QUINTANEIRO, 2001, p.122).

Weber analisou a sociedade tomando os usos, costumes e os interesses que determinam as condutas e as ações sociais como elemento fundamental para entender as relações sociais, refletindo tanto a ação coletiva quanto a pessoal. É na esfera individual que ele levanta sua teoria sobre a teoria da “dominação carismática” que ele assim define: “A dominação carismática é aquela que se baseia na “entrega extracotidiana à santidade, heroísmo ou exemplaridade de uma pessoa e às regras por ela criadas ou reveladas” (WEBER, 1984, p.172 apud QUINTANEIRO, 2001, p.124).

Não é difícil encontrar pessoas carismáticas nas folias. Na folia mineira sempre costumam lembrar-se de Antônio Camilo, considerado um bom embaixador que foi muito respeitado por seu grupo de foliões. A habilidade de Antônio Camilo como embaixador era muito grande, sua fama corria por toda a região. Jacob Vicente Dias comprova isto: “O respeito dele era muito grande, e ele era um dos melhor queu cunheci, repertório muito bão” (informação verbal) ¹⁴. O senhor Antônio Divino do Couto, que conviveu com Antônio Camilo, também atesta que sua capacidade de improviso era muito grande: “Ele tinha ricurso, pra cantá (palavras inaudíveis) se fosse um voto, depende do jeito do voto, o mutivo qui foi ele sabia tudo, ele cantava simiante aquilo” (informação verbal) ¹⁵. Antônio Camilo se encaixa perfeitamente no que afirma Pessoa (1993, p.121) sobre o embaixador: “Às vezes ele evoca dons, qualidades e lisura no desempenho de sua função para a consecução de sua legitimidade”.

¹⁴ Jacob Vicente Dias.

¹⁵ Antônio Divino do Couto, 79 anos, aposentado. Entrevista a Magno Florentino Dutra, em 17 de julho de 2009. Itaguari-Go.

Os embaixadores são pontos de referência na folia. Muitas vezes lhes são atribuídas qualidades excepcionais. Brandão lembra: “Até hoje há versões de que alguns embaixadores do passado possuíam poderes próximos ao da feitiçaria...” (BRANDÃO, 2004, p. 352). Aqui na folia Mineira também houve histórias de mandingas e “rezas bravas”, como denominado popularmente. São histórias supersticiosas que fazem parte da religiosidade popular. Existem muitas histórias de situações em que alguém tentou atrapalhar o andamento do ritual da folia, por meio de alguma mandinga. Na época de Antônio Camilo, isso acontecia muito, mas ninguém nunca conseguiu atrapalhá-lo. Homem de muita fé nos Três Reis, ele sempre conseguiu se desvencilhar dessas mandingas, como relata o entrevistado: “Pelejava pra embaracá ele, foi muitas veiz eu vi aqui, nós viu, mais Santo Reis ajudô que nada atrapaiô” (informação verbal) ¹⁶.

A experiência conquistada no árduo exercício da aprendizagem, adquirida no dia-a-dia, em situações inesperadas e no próprio fazer, também caracteriza o preparo e a capacidade de uma pessoa. Na função de embaixador de folia não é diferente: a experiência conta muito. Este é o caso de muitos embaixadores e foliões também, que por viverem determinadas situações, vão sendo reconhecidos como capacitados e melhor preparados para a função. Antônio Camilo viveu algumas dessas situações. Ele próprio relata em entrevista a Maria Natalícia Couto, no ano de 1989, duas situações que acabaram legitimando-o. São histórias com um requinte de mistério. A primeira:

[...] aí na, no corgo do viado, sujeito incravô um caminhão lá, o certo é quele viu nós, abusô de nós, nois passô pra baixo, passado três dias nós vortô, ele tava incravado lá, busco mercânico na Inhumá, Teberáí [...] os chofer quemô as mãos lá, aventuraro té pô fogo pra vê se pegava, nada, aí quondo nós láia passano pa trais, o dono do caminhão correu e joeiou nos meus pé e pediu eu que fosse lá tirá o caminhão dele, qui só Santo Reis podia dá um jeito prele, aí nós foi, chego lá nós cantô ...pra ele, e eu no fim cantei prele, como os Reis seguio viagem, ele havera de seguir também, eis jogô os trem dentro e pisô nu caminhão, o caminhão pegô ... parece que nem incostô o pé e eis sairo gritano Viva Santo Reis viva subindo a serra.(informação verbal)¹⁷

A outra história desperta ainda mais nossa curiosidade. Histórias assim são repetidas pelos foliões, sendo encaradas como prova da santidade e poder dos Três Reis Santos, que são milagrosos. Por outro lado, esses acontecimentos acabam por legitimar e confirmar a sabedoria e o poder do embaixador, que naquela passagem era Antônio

¹⁶ Idem.

¹⁷ Antônio José Camilo. Entrevista a Maria Natalícia Couto, em 06 de janeiro de 1989.

Camilo. A segunda história também foi relatada pelo próprio Antônio Camilo. Segundo ele, aconteceu assim:

Pois é, esse é um milagre lá do corgo do viado, lá perto do Arvo, nós lá ia pra posa no Arvo, pareceu um baiano e jueiou nus meus pé, pediu que fosse na casa dele levá Santo Reis, quele tinha um fio que tava vinte ano na cama, falava que o dia que o Santo Reis fosse lá ele levantava e pegava a bandeira, aí eu perguntei os fulião, eis falô “aonde o senhor pô o pé nós vai”, isso já tava iscreceno, esse baiano pegô essa bandeira, subiu pra quela serra arriba, qui num tem nem um fulião hoje qui sabe o lugá qui nós foi, nós foi, chego lá era um rancho lá embaixo, um rancho qui tava, tava claro que nem dia, e era cum candeia, num tinha luz elétrica nem nada não, aí ele foi entrano pra dento, falô “meu fio, hoje eu achei um fio de Deus pra trazê o Santo Reis aqui; cê disse que levanta e pega a bandeira, levanta meu fio”, ele levantô magro qui nem um trem e segurô a bandeira e nós cantô prele i, ele em pé, aí eu mandei ele sentá na cama, ele sentô, aí esse baiano partiu o requeijão, tratô de nós, falô “agora só eu ino levá oceis, qui ceis num vai, num vorta mais”, eu falei “não! sinhô num leva nós manhece aqui uai dento desse mato, dessas picada, nós num sabe”, ele bateu adiante, levô nós lá onde tava, nois chegô duas hora da madrugada lá no poso, e largemo, o home lá co’a bandeira e num tem um fulião qui sabe esse lugá lá, ninguém sabe ,nóis perguntô o Arvo povo lá e ninguém deu noticia desse baiano.(informação verbal)¹⁸.

Todo esse aparato de saber determinará o poder do embaixador na folia. Na teoria foucaultiana, onde existe reprodução de alguma forma de saber, existe também alguma forma de poder:

Temos antes que admitir que o poder produz saber (e não simplesmente favorecendo-o porque o serve ou aplicando-o porque é útil); que poder e saber estão diretamente implicados; que não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.(FOUCAULT, 1999, p.31)

O saber do embaixador, como já explicado, é essencialmente religioso e ritualístico. Esses saberes lhe conferem certos atributos, ou mais especificamente, poderes na folia, confirmado pela teoria foucautiana. Seu poder será proporcional à sua gama de saber: “E aqui o Embaixador aparece como elemento chave para o bom desempenho da Folia, pois é o responsável pelos versos” (MOREYRA, 1983, p.178).

A situação que expressa melhor o poder e principalmente o saber do embaixador é o pagamento de uma promessa. Na Folia Mineira é responsabilidade do embaixador cumprir, ou como dizem, “entregar” o voto do promesseiro, como afirma o

depoente: “É cantá, cumpri o voto dele, cumpri o voto e intregá o voto” (informação verbal)¹⁹. Quando um devoto tem uma promessa a ser paga ele pede ao embaixador que a entregue em forma de verso, como no caso citado à frente: a pessoa fez promessa de andar o dia todo no giro sem conversar com ninguém:

Pra cumprir sua promessa
Cum Três Reis foi caminhá
Já cumpriu sua promessa
Agora pode conversá, ai, ai...²⁰

Carlos Rodrigues Brandão também destaca esse momento no interior da folia. Em sua obra, ele relata minuciosamente como se processou o cumprimento de uma promessa: “No meio das quadras, Mestre Porfírio intercalou versos em que anunciava ao dono e promesseiro que o seu voto estava cumprido, que ele tinha as bênçãos dos Três Reis e que já podia por-se de pé” (BRANDÃO, 1981, p.22).

Embora as análises de Foucault tivessem como objeto os aparelhos de Estado e instituições, elas não restringem a eficácia das relações de poder somente a eles:

A questão do poder fica empobrecida quando é colocada unicamente em termos de legislação, de Constituição, ou somente em termos de Estado ou aparelho de Estado. O poder é mais complicado, muito mais denso e difuso que um conjunto de leis ou um aparelho de Estado (FOUCAULT, 1999, p.221)

A partir da idéia de Foucault, teremos um poder que circula por toda esfera da sociedade, chegando à dimensão cultural da mesma, como diz: “Poder que não se encontra somente nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente, muito sutilmente em toda trama da sociedade” (FOUCAULT, 1999, p.71). Ao mesmo tempo em que Foucault afirma que o poder atinge toda a gama social, ele quer deixar claro que esse poder é circulatório: “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia.” (FOUCAULT, 1999, p.183). Funcionando em cadeia, o poder organiza, produz, portanto, uma ordem e a hierarquiza. Na folia existe uma hierarquia ritual que é descrita por Brandão (2004) na forma de um esquema: primeiro vem o embaixador, depois o gerente e em seguida os

¹⁹ Sebastião dos Reis Camilo

²⁰ Versos cantados por Sebastião dos Reis Camilo, em 25/12/2008. Arquivo particular do autor, formato de mp3.

foliões. Isso o leva a afirmar que “O embaixador é o responsável pelo grupo de foliões”. (BRANDÃO, 2004, p.348). Vigilato, ao constatar a responsabilidade do embaixador e ao mesmo tempo seu poder de comando dentro da folia, diz: “Cabe a ele dirigir a orquestra e manter a disciplina. Está sempre com a última palavra em qualquer problema, interno ou externo” (VIGILATO, 2000, p.117). Esse preceito não é geral, podendo ficar a responsabilidade de manter a disciplina, ao gerente, ao alferes ou a outra função existente na folia. Nas entrevistas, pudemos comprovar o que estes dois autores escreveram sobre o respeito devotado ao embaixador. Jacob com vinte anos que participa da folia Mineira, diz: “Todos têm que respeitá as orde dele [...] a responsabilidade toda tá no embaixadô [...] ele qui tem qui comandá” (informação verbal) ²¹.

Não podemos tomar a folia como um grupo que fica a mercê da autoridade do embaixador. A situação não é sempre assim, como mesmo disse Foucault, parágrafos antes: o poder é circulatório. O autor destaca: “O poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria ou que o exerceria devido a seu nascimento; ele torna-se uma maquinaria de que ninguém é titular” (FOUCAULT, 1999, p.219).

Sobre o poder na folia, Pessoa esclarece que também o tem outras pessoas, não somente o embaixador é seu ponto central: “Mas essa centralidade ritual tem uma certa mobilidade” (PESSOA, 2005, p.89). Na análise deste autor, o poder circula por toda a folia, ora sendo do festeiro, ora do embaixador e dentro de uma residência ele é exercido pelo dono da casa (PESSOA, 2005). Em suma, o que melhor resume toda essa discussão é esta afirmação: “Dispomos da afirmação de que o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce...” (FOUCAULT, 1999, p.175), daí temos que na folia o poder é exercido em sua maior parte pelo embaixador, mas em determinados momentos ele desloca dessa figura e passa ao dono da casa, ou ao devoto, ao festeiro.

A análise das relações de poder nessa pesquisa se referem unicamente ao ritual da folia de Reis, inclusive admitindo que possam existir outras dinâmicas rituais em outras folias. Essa análise não tem relação nenhuma com a política civil, nem que os embaixadores tirem algum proveito econômico ou social desta situação da qual são protagonistas. O objetivo foi analisar a figura do embaixador dentro da folia, unicamente na esfera da reprodução desse ritual.

²¹ Jacob Vicente Dias

4. O DIREITO DE DESCENDENCIA: RELAÇÃO DE PARENTESCO

Um fator importante nas folias é a relação de parentesco que existe entre seus componentes. Na folia Mineira a maioria dos foliões são parentes, pertencem à família Couto, a qual também pertencia a primeira festeira dessa folia. Nas tradições que se transmitem oralmente, essa dinâmica é muito comum: os saberes são guardados entre os membros da família e são transmitidos de geração para geração. É essa a constatação a que chega Kimo: “De fato, em todos os Ternos de Folia de Reis, que tive a oportunidade de conhecer, as relações de parentesco estão sempre presentes entre os integrantes do terno.” (KIMO, 2005, p.707). Essa característica pode ter peso importante na dinâmica do grupo.

Ao lado da relação de parentesco existente nesses rituais, há uma insistência na tradição do filho em substituir o pai: “Isto significa que o comando ou a direção do grupo é passada, sempre que possível, aos cuidados do filho de um Mestre ou Chefe de grupos rituais” (KIMO, 2005, p.706). Na folia Mineira, Tiãozinho Camilo ocupa o lugar do seu pai Antônio Camilo. Esse protocolo da tradição popular foi o desejo de Antônio Camilo. Quando fora entrevistado, ao ser perguntado sobre quem o substituiria naquela função de embaixador, ele declarou que seria seu filho: “É, eu tenho o fio, né, eu tem o Tiãozinho prá ficá no meu lugá, o único que aprendeu comigo” (informação verbal) ²². Essa prática foi analisada por Brandão, nos seus estudos sobre religião popular:

Entre os sacerdotes católicos, são respeitados direitos de descendência, principalmente os dos mestres e dos chefes de grupos rituais. Filhos e netos, via de regra, aprendem com os pais e avós a quem servem como auxiliares durante estágios de iniciação. Com muita frequência, rezadores, capitães de terno de congos, foliões de Santos Reis, folgazões de São Gonçalo, velhos moçambiqueiros de várias cidades de São Paulo e do Sul de Minas por onde andei, convocam os seus filhos homens, desde criança, para ocuparem cargos de trabalho ritual em seus grupos e colocam sobre eles a esperança de continuidade do “terno”, “companhia” ou “turma”, depois de sua velhice ou morte. (BRANDÃO, 1986, p.155)

A análise de Brandão é clara. Ele lembra que o direito de descendência pode também acontecer com as benzedadeiras, curandeiras, sendo esta prática mais comum nas

²² Antônio José Camilo.

áreas rurais (BRANDÃO, 1986). Para efetivar esse intuito, esses mestres, capitães adotam certas estratégias. Tiãozinho Camilo conta que quando ainda criança seu pai Antonio Camilo já insistia que ele deveria substituí-lo na folia: “E ele toda vida fez força, qui era eu qui tinha que ficar no lugar dele. Eu era muito piqueno, morava na roça, ele cantava pra mim, eu até achava bão que ia morrê e deixá a toalha, a viola e os trem tudo pra mim” (informação verbal)²³. Segundo Kimo (2005) esse filho herdeiro do cargo que ocupara o pai não é necessariamente o filho primogênito. O que se levará em consideração é a aptidão para o cargo.

Tomando em consideração o que foi explicitado acima sobre a relação de parentesco e o direito de descendência, concordaremos com Pergo, que ao ler a obra de Castro e Couto, afirma: “A interpretação de Castro e Couto é que a folia seria composta por amigos, parentes, compadres e aliados do mestre, os quais se reúnem para a jornada dos Reis” (PERGO, s/d, p.02). Aliado à relação de parentesco, o direito de descendência pode ser fundamental para a análise das relações de poder nas folias.

5. O CANTO NA FOLIA

O meio pelo qual os poderes atingem as pessoas na esfera da sociedade são as leis, os discursos ou outros aparatos. Na folia, o veículo que faz com que o poder circule são o canto, a música, o verso que o embaixador compõe. O canto tem papel importante na reprodução do ritual da folia de Reis. Segundo Brandão “O núcleo do ritual da Folia é a sua cantoria” (BRANDÃO, 1983, p.18). Todo o ritual da folia é executado por meio da música, desde o levantamento da bandeira, no dia da saída, até o encerramento da jornada, com a passagem da coroa ao próximo festeiro, passando pela visitas às casas do giro e pelos momentos de agradecer à mesa de almoço e janta, que os foliões denominam de bendito de mesa, como fica confirmado: “É através da cantoria de Santos Reis que os principais momentos de toda a jornada são realizados” (BRANDÃO, 1983, p.18).

As ocasiões podem determinar o que deverá ser cantado. Isso já foi afirmado anteriormente, como na estrofe transcrita, em que o embaixador faz um verso

²³ Sebastião dos Reis Camilo

referindo-se aos foguetes que foram estourados na chegada da companhia à casa de pouso:

Ai, na chegada dos Três Reis, aiah, aiê...
Rojão arrebento, aia, aiê...
Em sinal de alegria, aiah, aiê...
Ai porque os Três Reis chego, aiah...²⁴

Mas é, sobretudo, por meio do canto que as ações vão se sucedendo. Isso é afirmado, em entrevista, por Tiãozinho Camilo: “Bamo pô, se eu chego na sua casa, cê tá ca bandeira na mão, eu preciso entrá pra dento, eu canto pro você, cê me leva pra dento, eu canto um verso falando qui’eu quero entrá” (informação verbal)²⁵. O embaixador vai conduzindo o ritual de acordo com os preceitos dos quais ele tem conhecimento, como explicitado nos versos:

Ó meu nobre cavalheiro
Os Três Reis do Oriente
Pra passar por esse arco
Vamo tirá as corrente, ai, ai...

Pra passá por esse arco
Dá licença cidadão
Os Três Reis querem chegá
Lá dentro do seu salão, ai, ai, ai....²⁶

Brandão resume esta situação:

Ao produzir letras que envolvem ordens de comando e expressões do significado dado pelo grupo ao que é feito na Folia, o embaixador produz também a ordem simbólica do ritual, todo ele codificado ao longo das inúmeras quadras cantadas (BRANDÃO, 1983, p.18).

Nos momentos de cumprir uma promessa, o canto é o veículo mais procurado, porque também não é único, como corrobora Brandão:

Ao lado de momentos de reza de terços, usados para o pagamento de promessas, a própria cantoria é percebida como uma sequência essencialmente religiosa e simbolicamente eficaz para a solução de compromissos individuais com os Santos Reis. (BRANDÃO, 1983, p.45)

²⁴ Versos cantados por Sebastião de Oliveira Castro. Arquivo particular do autor, formato mp3.

²⁵ Sebastião dos Reis Camilo.

³⁸ Versos cantados por Sebastião de Oliveira Castro. Arquivo particular do autor, formato mp3

O canto se torna o mediador dos contatos entre o grupo de folia e o devoto, um exemplo da utilidade do canto nesses momentos, acontece quando a folia, parada numa casa, para um pequeno descanso, e os donos da casa levam a bandeira para um local reservado, um quarto à parte. Quando o grupo decide continuar a caminhada, o embaixador canta para o dono buscar a bandeira:

Sinhora... dona da casa
Filha da mãe verdadeira
Preciso de andá
Faço o favor da bandeira²⁷

É por meio do canto que são expostas e transmitidas as ações e o sentido religioso da jornada: “Através das toadas e de seus versos sagrados, os participantes expressam sua crença nos Reis Magos como interventores de suas necessidades e enfatizam valores cristãos de reciprocidade, aceitação, submissão, e humildade” (TREMURA, 2005, p.02). Para comprovar essa afirmação do autor, transcrevemos o verso cantando por Tiãozinho Camilo:

Que Deus lhe pague a boa oferta, aiah, aiê
Ai Deus do céu, ponha virtude, aiah, aiê
Os Três Reis do Oriente, aiah, aiê
Que lhe dê vida e saúde, aiah, aiê...²⁸

Este autor compartilha da idéia da operacidade do canto para o ritual da folia:

Os versos narram momentos específicos da jornada sagrada atendendo pedidos de ordem religiosa tal como tirar uma bandeira de uma residência durante a visita, a chegada da folia de reis ou chegada da bandeira em outra residência, o nascimento de Jesus, e outras saudações a temas religiosos. (TREMURA, 2005, p.04).

O canto como veículo para o trânsito das relações de poder e saber na folia, determinante e determinado pelas situações, também foi analisado quanto a sua característica musical. Essas análises são feitas por Yara Moreyra. Para esta autora a folia consiste basicamente num “teatro musical paralitúrgico” (MOREYRA, 1983, p.175).

²⁷ Versos cantados por Sebastião dos Reis Camilo. Extraído de fita K7.

²⁸ Versos cantados por Sebastião de Oliveira Castro. Arquivo particular do autor, formato mp3.

O grupo de folias é composto de homens que têm poucos conhecimentos musicais. Não é raro encontrar folião que saiba somente as notas que são usadas na execução da música da folia. Yara Moreyra destaca a peculiaridade da música que considera curiosa: “A organização vocal das Folias é curiosa por seu caráter polifônico e como sobrevivência de antigas práticas” (MOREYRA, 1983, p.152). Além de ser curiosa, a música das folias, às vezes, tem um lado de mistério na sua forma de execução.

A estrutura do canto de uma folia é basicamente descrita por Moreyra (1983, p.152) da seguinte forma: “As folias que têm as suas cantorias executadas em forma de canto/solo e resposta/coral apresentam, através de inúmeras variantes, uma linha de procedimento relativamente homogênea”. Moreyra descreve ainda passo a passo a execução da música:

O Embaixador tira a cantoria e recebe a resposta de três vozes: Resposta (primeira voz) e Contratos (segunda e terceira vozes). Depois entram as demais: Primeira por Cima (quarta voz) e Contratos por Cima (quinta e sexta vozes). Uma sétima voz, mais aguda, pode ser acrescentada (MOREYRA, 1983 p.153).

Descrita assim, parece ser difícil, e embora sejam homens com pouquíssima, ou nenhuma instrução musical, salvo alguns poucos, eles executam a música com uma habilidade incrível. Podemos dizer isso da folia Mineira. O ritual de uma folia é sustentado pela sua cantoria.

6. OS SISTEMAS DE CANTAR

As folias não apresentam uma única forma de cantoria em todos os lugares, pelo contrário assumem várias formas: há uma diversidade muito grande das folias. Isso é uma demonstração da criatividade dos homens simples.

Em Itaguari, as folias apresentam grandes diferenças umas das outras: “E é pela maneira de cantar que as Folias são classificadas, quando então se nos apresentam duas possibilidades” (MOREYRA, 1983, p.152). Ela se refere nesse momento ao sistema goiano e ao mineiro, mas não restringe só a eles, pois continua explicando: “Isto não significa a negação de outras variantes...” (MOREYRA, 1983, p.152).

Em Itaguari esse dois sistemas são preponderantes. Admitindo adaptações para cada grupo, a folia do Brejo Grande e a folia Goiana de Itaguari adotam o sistema

goiano de cantar, e a folia Mineira, nem é necessário explicar qual é o seu sistema, o próprio nome indica. Yara faz a distinção entre os dois sistemas, descrevendo cada um deles, quanto a sua estrutura de coral e outra característica a eles inerente. O sistema Goiano, segundo esta autora, “Consiste em um conjunto de quatro cantores, dois homens e dois meninos. Estes cantam “por cima” das vozes masculinas, ou seja, o canto é realizado por duas vozes dobradas” (MOREYRA, 1983, p.174).

O folião Jacob relata que quando ingressou na folias para aprender a cantar começou numa folia de sistema goiano, como diz: “eu aprendi com velho muito antigo, Benedito Luis chamava, era folia goiana [...] na época cantava dois home e um minimo de cada lado” (informação verbal) ²⁹. Apesar de classificadas como folias goianas quanto ao seu estilo de cantar, as duas folias de Itaguari não seguem este estilo fielmente. Há nas folias daqui variações e adaptações que lhes são próprias, como outrora previu Moreyra: “Atualmente não é comum encontrar folias cantadas no verdadeiro sistema Goiano. A maior dificuldade parece estar na ausência de vozes infantis, pois os meninos não estão mais interessados em cantar folia” (MOREYRA, 1983, p.175). Yara Moreyra evidencia a questão de que esse sistema de cantar folia não é muito usual nas folias de Reis: “O sistema Goiano sempre esteve mais relacionado com as folias de São Sebastião e do Divino” (MOREYRA, 1983, p.175), sendo o sistema mineiro o mais comum. Na descrição desse sistema, Moreyra assim considera: “Mais elaborado que o anterior, o sistema é a “Folia de sete vozes”, que são apresentadas em entradas sucessivas” (MOREYRA, 1983, p.175).

A folia Mineira de Itaguari canta com seis vozes. São raras as vezes que acrescenta a sétima voz. Não é necessário afirmar que este sistema foi trazido de Minas Gerais, a folia Mineira é um exemplo disso. Os seus foliões mais antigos eram mineiros, ou aqueles que não eram tinham descendência de mineiros, e ainda têm. Moreyra constata uma controvérsia nessa questão:

A realidade é que o sistema Mineiro de cantar folias é hoje praticado indistintamente, por famílias de origem mineira radicadas em Goiás há décadas e por grupos goianos de todas as regiões do estado. (MOREYRA, 1983, p.175).

Mas a questão da música não se finda na organização do coral, a parte instrumental é determinante. Vigilato descreve como é a música nas folias de Reis:

²⁹ Jacob Vicente Dias

A música na folia de Reis é executada geralmente em Dó ou Sol maior, sendo esta última com maior frequência por ter altura (tom) melhor, mais descansado para os cantores; o ritmo é uma toada, que pode ser mais lenta ou rápida, dependendo da melodia escolhida (VIGILATO, 2000, p.132).

Nas folias de Itaguari, os instrumentos são acústicos. Os mais encontrados nestas folias são: pandeiros, caixas, bandolins, cavaquinhos, acordeons (sanfona que marca o ritmo) violões e violas. A cantoria não dispensa o acompanhamento de um conjunto instrumental. Segundo Moreyra (1983, p.180):

Todas as cantorias de uma Folia são acompanhadas por um conjunto instrumental, mas a sua participação não deve ser encarada como um simples acompanhamento, pois, na verdade, há uma dependência total do canto à música instrumental.

Em algumas folias, como na folia Mineira, o bendito de mesa é cantado sem os instrumentos. As demais cantorias são acompanhadas de instrumentos. Há, sem dúvida, uma ligação da cantoria com a música instrumental; essa ligação não é ritual, mas sim harmônica, como explica o depoimento citado por Yara Moreyra: “Os foliões dizem que isto acontece porque o instrumento é que dá o tempo da voz entrar. Se entrar fora do instrumento, atrapalha toda a música” (MOREYRA, 1983, p.180).

Não obstante, há quem faça comparações da música da folia de Reis com a música caipira. É percebido que muitos artistas gravam toados de folia. São exemplos citados por Vigilato (2000, p.132), João Mariano e Pardalzinho, Creone e Barreirito, dentre outros. Welson Tremura fez esta comparação num artigo que leva o seguinte título: “A música caipira e o verso sagrado na folia de Reis”. Ele afirma:

A música da folia de reis e a música caipira compartilham de características comuns, tal como o uso de melodias de caráter melancólico, progressões harmônicas, e a maneira e forma de cantar e tocar os instrumentos musicais como a viola e o violão. (TREMURA, 2005, p.03).

Moreyra, ao caracterizar a música das folias de Reis, enfatiza: “A adaptação destas formas à nossa realidade provavelmente se deve a seu caráter de composição que dispensa a escrita, um contraponto improvisado e de extrema simplicidade” (MOREYRA, 1983, p.180).

Tremura analisa os estilos de músicas das folias:

(1) uso de tonalidades maiores, também comum em outros gêneros folclóricos; (2) preferência por afinações abertas nos instrumentos de cordas, tais como Mi Maior para a viola caipira, e Sol Maior para o cavaquinho; (3) deslize melódico dos cantores dentro da mesma oitava; (4) preferência por tempos binários; (5) liberdade de adaptar o ritmo da toada de acordo com a composição dos versos; (6) atenuação rítmica (lenta e de caráter de cortejo); (7) pequeno trêmulo vocal no final da frase, produzindo uma ligeira oscilação na altura do som a fim de reforçar o valor expressivo das notas (TREMURA, 2005, p.03).

Compartilhando da mesma estrutura musical caipira, o verso ou a música na folia é expressão de fé. É produzido pelo embaixador para exprimir uma situação determinada, ou para realizar o ritual cantando a história do Nascimento de Jesus e a Visitação dos Três Reis ao Menino Deus. O verso é o veículo para tudo isso, carregado da subjetividade de quem o produziu e principalmente o ritmo que emociona quem tem ou teve algum envolvimento devocional com os Três Reis Santos.

Portanto, os versos na folia são muito mais que um gênero musical folclórico. Eles têm um alcance maior que isso: além de ser o elemento para a comunicação na folia, o canto é produzido tendo como fonte um arcabouço de saber, o saber religioso e ritual. O saber que poderá vir a ser somado a outros elementos como o carisma, a tradição ou o direito de descendência, que determinará as relações de poder em que o principal agente é o embaixador. Este, por seu lado, toma lugar no discurso religioso que o legitima e lhe confere poder para conduzir o ritual da folia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao elaborarmos essas considerações finais, é necessário elucidar que a proposta de analisar as relações de poder advindas das relações de saber sobre a qual a folia de Reis está assentada foi aqui o nosso principal objetivo. Os resultados encontrados levaram-nos a confirmar algumas das teses de Foucault, ao dizer que as relações de poder perpassam toda esfera social e que não podem ser restritas às formas institucionais, políticas e econômicas. Portanto, as relações de poder atingem as manifestações culturais, a folia, neste caso. Segundo este mesmo autor, não há relação de poder que se dê sem uma relação de saber e vice-versa. Em autores como Brandão, Moreyra e Pessoa encontramos afirmações, sobre a figura do embaixador dentro das

folias, que vão ao encontro de algumas teorias de Foucault, sobre as relações de poder e saber.

Ao abordar a questão relativa aos poderes e saberes, descortinamos uma nova dimensão da folia, que muitas vezes passava despercebida em outras abordagens. A pesquisa é importante, por acrescentar à academia novos conhecimentos da realidade social, com suas vivências sociais e culturais dessa sociedade na qual está inserida.

Os devotos de Santos Reis em Itaguari estão conseguindo manter esta importante manifestação cultural religiosa. A história da resistência cultural de Itaguari evidencia hoje um desejo ousado de construir uma capela com grandes proporções para abrigar o número de devotos que aumenta consideravelmente a cada ano nas três folias que percorre a região. Isso tornará um ponto de referencia para outros grupos de folia, e também será um espaço onde se abrigarão documentos e pesquisas sobre folias de Reis de todo país. Este projeto prevê a construção de um prédio de dois andares: no primeiro, a igreja e na parte superior um museu das histórias das folias de Reis, expondo fotografias, bandeiras, vestimentas, máscaras de palhaços, entre outros objetos utilizados pelos foliões.

Atualmente há um intenso interesse pelas manifestações culturais. Por isso, entendemos que esse trabalho pode contribuir com a história cultural no sentido de mostrar mais uma ação significativa dos devotos, agindo e constituindo-se sujeitos no processo de reprodução e ressignificação do ritual da folia de Reis nas regiões do Pastinho, Cachoeira e Conceição no município de Itaguari – Go. Por isso, a história cultural dos devotos de Itaguari deve ser vista como um passo a mais na reconstituição da história cultural do Brasil, com enfoques regionais e locais, mostrando que o estudo da diversidade cultural constituir-se-á no caminho a ser trilhado para a valorização das identidades e das tradições dentro dos estudos de História do Brasil.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jaime; SOUZA, Ana Guiomar Rego. *Qualquer festa é festa (?)* In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *Sensibilidades e Sociabilidades - perspectivas de ensino*. Goiânia: UFG, 2008

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes (org.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOAS, Crisoston Terto Vilas. *Para Ler Michel Foucault*. Ouro Preto: Imprensa Universitária da Ufop, 1993. Disponível em: <http://search.4shared.com/network/search.jsp?>

BRANDAO, Carlos Rodrigues. *A folia de Reis de Mossâmedes*. In: _____ De Tão Longe Eu Venho Vindo: Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: UFG, 2004.

_____, *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____, *A Cultura na Rua*. Campinas SP: Papirus, 1989.

_____, *Os Deuses do Povo: um estudo sobre a religião popular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____, *Sacerdotes de Viola: Rituais do catolicismo popular em São Paulo*. Petrópolis-RJ: Vozes 1981.

_____, *A Folia de Reis de Mossâmedes: etnografia de um ritual camponês*. Revista Goiana de Artes. Goiânia: vol 4 n. 1 – jan/jun 1983.

BURKE, Peter, *O Que É História Cultural?* ; tradução de Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do Saber*; Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____, *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete 20 Ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

_____, *Microfísica do poder*. 14 ed. Org. e Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KIMO, Igor Jorge. *Estratégias de Manutenção em um Terno de Folia de Reis do Norte de Minas Gerais*. In: ANPPOM – Décimo Quinto Congresso/2005. Disponível em: http://tv.ufrj.br/anppom/sessao13/igor_kimo.pdf. [Acesso em 02/10/2009]

MAUAD, Ana Maria. *Através da Imagem: Fotografia e História Interfaces*. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf. [Acesso em 28/09/2009].

MOREYRA, Yara, *De Folia, de Reis e de Folias de Reis*. Revista Goiana de Artes. Goiânia: vol. 04 n. 02 p. 135-172, jan./jun. 1983.

O'BRIEN, Patrícia. *A História Cultural de Michel Foucault*. In: HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001

PERGO, Vera Lucia. “OS RITUAIS NA FOLIA DE REIS: UMA DAS FESTAS POPULARES BRASILEIRAS”. Revista Brasileira de História das Religiões. Ano II nº V Setembro de 2009. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/st1.html> [Acesso em 10/09/2009].

PESSOA, Jadir de Moraes; FELIX, Madeleine. *As Viagens do Reis Magos*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

PESSOA, Jadir de Moraes. *Saberes em Festa: gestos de ensinar e aprender na cultura popular*. Goiânia: Editora da UCG; Kelps, 2005.

_____, *Meu Senhor Dono da Casa: Os 50 anos da Folia de Reis das Lages*. Goiânia: 1993.

_____, *Ajuntando os Cacos: A conquista da terra como reconstituição do simbólico*. In: Fragmentos de Cultura, Goiânia: vol.07 p.25 – 40, 1997.

QUINTANEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria L. O; OLIVEIRA, Maria Gardênia. *Um Toque de Clássicos: Durkheim, Marx e Weber*. 4 ed. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

SANTOS, José Luiz dos. *O que é Cultura*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SANTOS, Maria Lícia dos. *A Fé Católica em Cenários de Festas & Tradições... Folia de Reis e Festa do Divino Espírito Santo em Jesupólis e Jaraguá- Goiás (séc. XXI)*. Disponível em: [http // www.jornaldiariodonorte.com.br](http://www.jornaldiariodonorte.com.br). Acesso em 08 de agosto/2008.

SOUTO, Jovelucia Rodrigues. *A transformação espacial da Folia de Santos Reis de Itaguari: A migração do rural para o urbano*. Monografia - Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Cora Coralina – Departamento de Geografia. Cidade de Goiás- Go, 2006. 67p.

SOUZA, Célia Brasil do Amaral et al. *Breve Documentário de Itaguari*. Monografia – Universidade Estadual de Goiás Unidade Universitária Rio das Pedras, Itaberaí-Go, 2003 74p.

TREMURA, Welson Alves. *A música caipira e o verso sagrado na folia de reis*. Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historis/iaspmla.html>. [Acesso em: 10/09/05].

VIGILATO, José. *Folia de Reis: do Oriente para Belém*. Goiânia: Kelps, 2000.

FONTES ORAIS

Antônio José Camilo, depoimento [janeiro de 1989]. Entrevistadora: Maria Natália Couto.

Antonio Divino Couto, depoimento [julho de 2009]. Entrevistador: Magno Florentino Dutra UEG-UnU Cora Coralina.

Jacob Vicente Dias, depoimento [julho de 2009]. Entrevistador: Magno Florentino Dutra UEG-UnU Cora Coralina

José de Oliveira Castro, depoimento [julho de 2009]. Entrevistador: Magno Florentino Dutra UEG-UnU Cora Coralina

Luciana Maria Couto, depoimento [julho de 2009]. Entrevistador: Magno Florentino Dutra UEG-UnU Cora Coralina

Sebastião de Oliveira Castro, depoimento [julho de 2009]. Entrevistador: Magno Florentino Dutra UEG-UnU Cora Coralina

Sebastião dos Reis Camilo, depoimento [junho de 2009]. Entrevistador: Magno Florentino Dutra UEG-UnU Cora Coralina